



QUERIDO, VAMOS TER MAIS UM?

Um grupo crescente de brasileiras de classe média e média alta tem optado pelo terceiro filho, mesmo que para cuidar da prole seja preciso adiar a carreira ou largar a profissão

SIMONE COSTA

A fisioterapeuta mineira Iwana Sansoni, de 36 anos, abandonou a carreira depois de dar à luz a terceira filha. A publicitária Larissa Mrozowski, de 35, tomou a mesma decisão — deixou o emprego para cuidar dos três rebentos. Amanda Machado Lins, de 31, pernambucana, funcionária pública, desdobra-se para dar conta do trabalho e da prole — ela também é mãe de três. Nas grandes capitais do país, um grupo crescente de mulheres de classe média e média alta como Iwana, Larissa e Amanda, que trabalham fora ou não, tem optado por gerar três filhos, ou mais. Celebidades que costumam aparecer em jornais e revistas também começam a aumentar a família. A apresentadora Angélica e a modelo Camilla Alves estão grávidas do terceiro. A atriz Cláudia Abreu, a cantora Chayene da novela *Chievas de Charme*, deu à luz ao quarto, há onze meses. Pelos cálculos da consultoria Cognatis, especializada em demografia, ao menos 219.000 casais das classes A e

B, com renda mensal acima de 7.000 reais, decidiram ter uma trinca dentro de casa recentemente.

Optar pelo terceiro filho, hoje, é trafegar na contramão de uma tendência nacional — e justamente por isso a volta das famílias grandes, mesmo que apenas entre uma parcela pequena e abastada da população, chama tanto a atenção dos demógrafos e estudiosos do comportamento. A taxa de fecundidade do país está em queda vertiginosa desde a década de 60, quando se intensificou a migração do campo para a cidade, houve melhoras nas condições sanitárias e as mulheres deixaram o lar para invadir o mercado de trabalho. A média de filhos por mulher passou de 6,3 na ocasião para 1,9 atualmente, menos que o necessário para a reposição populacional. O filho único, visto há três décadas como anomalia, tornou-se figura comum nos anos 90 — e está presente em 20% dos lares. “O total de brasileiras que decidiram aumentar a família ainda não aparece nas estatísticas, mas é um grupo em evidente crescimento”, afirma o demógrafo José Eustáquio Diniz Alves,

da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE.

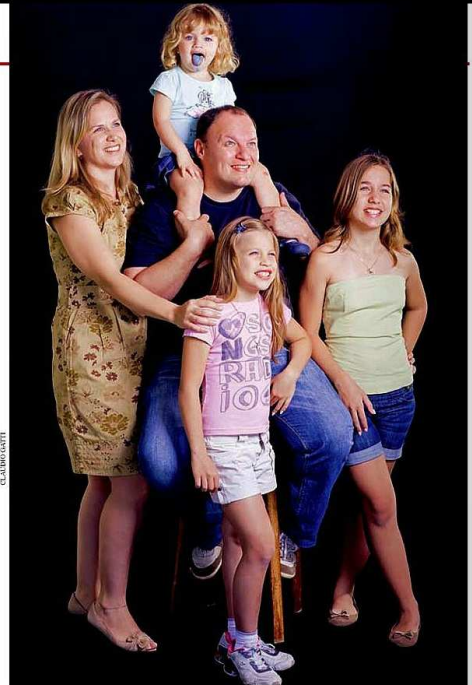
É fácil entender por que tantos casais querem mais de um filho. Como diz o antigo chavão, um é pouco. Muita gente teme que o filho único vire um monstro mimado, que não sabe dividir nada com ninguém, ou um adulto com pouca tolerância a frustrações. Mas, se dois é bom (ter um menino e uma menina ainda é o sonho de muitos pais e mães), por que três? Ou quatro? Ter filhos — e quem os tem bem sabe — é uma das experiências mais gratificantes na vida de uma pessoa. No entanto, gerar uma criança e criá-la com esmero implica sacrifícios, preocupações, noites maldormidas e gastos, muitos gastos. Escola, inglês, plano de saúde e lá se vai quase 1 milhão de reais na criação de um filho, do nascimento aos 23 anos, segundo levantamento do pesquisador Adriano Maluf Amul, do Instituto Nacional de Vendas e Trade Marketing (Invent).

São várias as explicações para o inchaço das famílias, mas a principal, dizem os especialistas, é uma mudança recente, e radical, no comportamento feminino. “As mulheres que sonham em se tornar mãe não estão mais dispostas a abrir mão da maternidade para provar que podem competir em pé de igualdade com os homens”, afirma a demógrafa Maria Coleta Oliveira, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Esse fenômeno não é exclusividade brasileira e já foi observado em muitos países, especialmente nos mais desenvolvidos. A antropóloga Carla Barros, da Universidade Federal Fluminense, concorda: “Nos anos 80 e 90, que se seguiram à emancipação feminina, havia uma pressão para que a mulher estudasse e fosse bem-sucedida na profissão, principalmente nas classes mais altas. Ser só dona de casa desqualificava a mulher. As que queriam filhos optavam por ter um, no máximo dois, para não prejudicar o trabalho. Hoje, a mulher conquistou o direito de escolher o que fazer”. Dados do IBGE corroboram a tese. Na última década, cresceu 26% o número de brasileiras mais escolarizadas, com renda acima de 8.000 reais, que largaram o emprego para ser mães e nada mais, com muito orgulho.

DOIS É BOM, TRÊS É MELHOR “Quando anunciei a terceira gravidez, meus amigos se assustaram. No início, eu mesma me senti um peixe fora d’água, mas vi que há outras mulheres corajosas como eu. Chega a ser enlouquecedor quando os três choram ao mesmo tempo. Mesmo assim, três é bem mais divertido do que dois.” **Larissa Mrozowski**, publicitária, de 35 anos, com o marido, **Andrei Croistell**, 35, e os filhos **Pedro**, 6, **Manuela**, 3, e **Joana**, 2

Demografia

Os olhos da filosofia, a opção por uma prole numerosa é reflexo de uma mudança profunda no papel dos filhos e da família na sociedade contemporânea. “Existe hoje uma tendência de enfrentar as dificuldades do mundo a partir de escolhas privadas. Se o mundo está um caos, vou garantir minha tábua de salvação, que é uma família que vai viver comigo para encarar essa situação”, considera o filósofo Luiz Felipe Pondé. No livro *Famílias, Amo Vocês*, o filósofo francês Luc Ferry defende a ideia de que ter filhos deixou de ser uma obrigação social para se tornar uma forma de alcançar a plenitude, ou seja, os pais, hoje, precisam dos filhos para justificar sua existência. Escreve Ferry: “Os homens morriam por Deus, pela pátria e pelas revoluções. Essas instituições perderam a importância, e a família emergiu como a nova entidade sagrada do mundo atual. Os filhos são a única razão pela qual vale a pena viver e morrer nos dias de hoje”. A melhora na economia também explica o retorno das famílias maiores.



TRABALHO ADIADO

“Minha avó teve doze filhos, 39 netos e 42 bisnetos. A casa dela estava sempre cheia, e isso me inspirou. Decidi ficar em casa para cuidar das meninas. Sei que um dia posso voltar a trabalhar.” **Iwana Sansoni**, fisioterapeuta, de 36 anos, com o marido, **André Luiz Zeola**, 38, e as filhas **Isadora**, 11, **Isasmim**, 9, e **Ana Clara**, 2

Por que 1 + 2 não é 3

Não basta multiplicar o custo de um filho por três para calcular quanto um casal gastará para criar a trinca. Os pais gastam em média 10% menos com o segundo filho e 15,5% menos com o terceiro em relação ao primeiro

	BARBÁ	EDUCAÇÃO**	PLANO DE SAÚDE	ROUPAS
1 filho	151.000	206.000	58.000	45.000
2 filhos	238.000	412.000	116.000	88.000
3 filhos	310.000	597.000	161.000	130.000

As despesas com um, dois e três filhos, do zero aos 23 anos, em reais*

1,8 milhão

948.000

1 filho 2 filhos 3 filhos

Com o segundo filho a barbá fica mais tempo na casa. A barbá que cuida de dois cuida de três

A maioria das escolas oferece desconto de 15% para o terceiro filho

Em média, há desconto de 20% para o terceiro dependente

O segundo filho herdará as roupas do primeiro, e o terceiro, do segundo

* O cálculo foi feito com base nos gastos de famílias com renda mensal entre 6.000 e 25.000 reais ** Não inclui material didático, cursos extracurriculares e transporte

Fonte: Instituto Nacional de Vendas e Trade Marketing (Invent)

Demografia



À ESPERA DO QUARTO “Planejei um intervalo maior entre as gestações para não largar o emprego. Eu e meu marido nos desobramos para levá-los à escola, ao inglês, ao esporte e almoçar com eles diariamente. Quero ter outro.” **Amanda Machado Lins**, funcionária pública, de 31 anos, com o marido, **Luiz Humberto**, 36, e os filhos **Luiz Alberto**, 11, **Eduardo Henrique**, 6, e **João Mateus**, 2

O Brasil entrou em um ciclo de prosperidade em 2004. Virado o capítulo da estabilização monetária, a inflação permaneceu estável e o real se valorizou, o que encorajou alguns casais a ter mais filhos. Os Estados Unidos são um exemplo de país onde a taxa de fecundidade acompanha o ritmo da economia. Em 1910, cada americana tinha em média 3,4 filhos. O número desabou para 2 na Grande Depressão, nos

anos 30. Subiu na década de 50, chegando a 3,6. Caiu para menos de 2 durante a crise energética dos anos 70. Com a recessão dos últimos anos, o índice voltou a cair.

As novas famílias de três ou mais filhos não vão alterar o cenário demográfico atual. A tendência de queda na taxa de fecundidade no Brasil deve se manter nas próximas décadas. Pelas estimativas do IBGE, as brasileiras terão 1,5 filho em 2030, o mesmo que as europeias. A fecundidade da Europa, em nível de crescimento populacional do continente é o menor do mundo, o que acarreta um aumento expressivo no total de idosos e a diminuição da população em idade ativa. São poucos jovens para trabalhar e muitos velhos para ser sustentados. A partir de 2040, o Brasil começará a sentir os efeitos nocivos da queda na fecundidade. Quem sabe, até lá, mais mulheres não se lancem na agradável (e custosa) aventura de gerar uma prole numerosa.

Sem filhos, pelo bem do planeta



Desde o fim dos anos 60, quando a piula anticoncepcional chegou às farmácias, promovendo uma reviravolta nos costumes e enterrando 5.000 anos de patriarcado, casais do mundo inteiro têm decidido pela vida sem filhos. Com dinheiro de sobra no banco, eles foram apelidados, nos anos 90, de dinks (*double income, no kids* — renda dupla, sem crianças). Da paranoia atual em torno do aquecimento global, surgiu a variante ecologicamente correta do grupo, os gínks (*green inclinations, no kids* — verdes, sem crianças). Não procriar, para os gínks (veja a logomarca ao lado), é a forma mais eficiente de salvar o planeta de um cataclismo climático. Os simpatizantes da causa usam um estudo da Universidade do Estado do Oregon, nos EUA, para justificar suas decisões. De acordo com o trabalho, uma criança aumentada em até 470% o total de carbono que uma mãe emite durante a vida. Além disso, não ter um filho é vinte vezes mais eficiente do que adotar práticas sustentáveis, seja reciclar o lixo, seja usar fraldas de pano. Só mesmo os radicais do ativismo ambiental para imaginar um mundo sem crianças.